



**EUA-BRASIL /** Em sabatina no Congresso americano, Elizabeth Bagley, indicada pelo presidente Biden ao posto em Brasília, minimiza risco de turbulência em outubro e cita confiança nas instituições democráticas do país. Brazilianistas avaliam declaração

# Futura embaixadora prevê eleições justas

» RODRIGO CRAVEIRO

Após o fim da sabatina na Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano, Elizabeth Frawley Bagley — indicada pelo presidente Joe Biden para o cargo de embaixadora dos Estados Unidos em Brasília — foi questionada, ontem, pelo senador democrata Robert Menendez sobre as eleições brasileiras de 2 de outubro. “Deixe-me perguntar-lhe sobre as tentativas do presidente (Jair) Bolsonaro de minar a credibilidade do sistema eleitoral brasileiro. Se a senhora for confirmada como embaixadora, que passos tomará para assegurar a integridade e o resultado das eleições democráticas no Brasil?”, perguntou o congressista. “Bolsonaro tem falado muitas coisas, mas, basicamente, o Brasil é uma democracia. Eles (brasileiros) têm instituições democráticas e um sistema eleitoral democrático, além de um Judiciário e um Legislativo independentes. Eles têm liberdade de expressão e todas as instituições democráticas de que precisamos para sediarem eleições livres e justas”, respondeu Bagley.

Apesar de reconhecer que “não será um período fácil, por causa dos comentários de Bolsonaro, ela ressaltou a existência de um “pano de fundo institucional”. “Continuaremos mostrando nossa confiança e nossa expectativa de que eles (brasileiros) terão eleições livres e justas. E estamos fazendo isso em todos os níveis”, garantiu Bagley. A indicada ao posto de embaixadora em Brasília reafirmou a insuspeição dos Estados Unidos em relação à solidez do sistema eleitoral.

Bagley sublinhou que o Brasil possui “instituições democráticas fortes, uma economia aberta e um papel de liderança regional”. Também frisou que as relações entre Washington e Brasília se baseiam em “compromissos partilhados com a democracia, os direitos humanos, a prosperidade, a segurança e o Estado de direito”. A diplomata citou os 200 anos da independência do Brasil e lembrou que os EUA foram a primeira nação a reconhecer a

Reprodução



**Deixe-me perguntar-lhe sobre as tentativas do presidente (Jair) Bolsonaro de minar a credibilidade do sistema eleitoral brasileiro”**

**Robert Menendez, senador do Partido Democrata**

ruptura com Portugal.

Por sua vez, o senador democrata Tim Kaine se disse “perplexo” com a visita feita por Bolsonaro ao presidente russo, Vladimir Putin, em fevereiro passado, pouco antes de a Rússia invadir a Ucrânia. “Sei que há uma eleição a caminho, e ele (Bolsonaro) declarou solidariedade a Putin. Como você pretende lidar com essa situação?”, perguntou o congressista. “Eu serei muito direta com eles, porque muitas das declarações de Bolsonaro escondem o que seus diplomatas e o seu governo estão fazendo”, respondeu Bagley. “Os brasileiros votaram

duas vezes contra a invasão da Ucrânia (no Conselho de Segurança da ONU) e se abstiveram na Assembleia Geral das Nações Unidas”, comentou. “Eu continuarei a pressioná-los sobre isso, absolutamente.”

Embaixadora dos EUA em Portugal entre 1994 e 1997, Bagley admitiu que a confirmação ao cargo de representante de Washington em Brasília seria “a pedra angular” em quatro décadas de carreira no serviço público, na diplomacia e no direito. A diplomata também demonstrou preocupação com o desempenho do Brasil na proteção ao meio ambiente e prometeu encorajar os esforços para aumentar as ambições climáticas, reduzir drasticamente o desmatamento, proteger os defensores da Floresta Amazônica e processar os crimes ambientais.

## Aceitação

Kenneth P. Maxwell, professor aposentado da Universidade de Harvard e fundador do Programa de Estudos sobre o Brasil, afirmou ao **Correio** que gostaria que Bagley tivesse razão em suas colocações ante a Comissão de Relações Exteriores. “Mas o problema não é tanto a eleição em si. O Brasil tem um histórico invejável na condução de

Reprodução



**Bolsonaro tem falado muitas coisas, mas, basicamente, o Brasil é uma democracia. Eles (brasileiros) têm instituições democráticas”**

**Elizabeth Frawley Bagley, escolhida por Biden ao posto de embaixadora em Brasília**

eleições justas e transparentes ao longo das últimas duas décadas. O problema é potencialmente mais a interpretação, a aceitação dos resultados”, explicou. “Vale lembrar que Bolsonaro era muito próximo ao ex-presidente Donald Trump, que odiou perder as eleições e continua a negar que foi derrotado no pleito. Então, a questão real está no fato de saber se Bolsonaro ainda é ou não um ‘Trump Tropical’. Se suas manobras recentes sugerem que ele é, então teremos tempos turbulentos pela frente.”

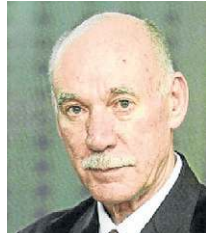
Discípulo do falecido brasileiro Thomas Skidmore e

historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), James Naylor Green considera “muito importantes” as declarações da embaixadora Bagley. “Elas reforçam uma mensagem que Biden enviou a Bolsonaro, no ano passado, por meio da CIA (Agência Central de Inteligência), de que os americanos acreditam em eleições diretas e democráticas e se opõem a qualquer golpe. Creio que, apesar de outras divergências com o Brasil, como a questão do 5G e a relação com a China, aparentemente a Casa Branca quer garantir um pleito democrático em outubro”, disse à reportagem, por telefone.

Por sua vez, Peter Hakim, presidente honorário do think tank Diálogo Interamericano (em Washington), entende que retórica de Bagley no Capitólio indica um alerta aos apoiadores de Bolsonaro de que os Estados Unidos esperam uma votação transparente. “As relações entre EUA e Brasil ficariam seriamente prejudicadas se as eleições fossem mal administradas, se o resultado for manipulado ou se houver algum tipo de golpe”, advertiu o brasileiro, por e-mail. “Minha sensação é de que ninguém nos Estados Unidos está prestando atenção a Bolsonaro. Nós temos nossa retórica inflamatória caseira, o que é suficiente.”

## Eu acho...

Arquivo pessoal



*“O perigo à democracia vem mais do submundo dos simpatizantes de Bolsonaro: da mistura sombria de políticos e de milícias, do papel dos pentecostais fervorosos, talvez dos escalões mais baixos das Forças Armadas, e dos locais onde o debate racional encontra muito pouca ressonância. Aqui, os apoiadores mais ávidos de Trump são o espelho potencial dos simpatizantes de Bolsonaro.”*

**Kenneth P. Maxwell,** professor aposentado da Universidade de Harvard e fundador do Programa de Estudos sobre o Brasil



*“Bolsonaro representa várias ameaças à democracia. Ele questiona as urnas eletrônicas e prepara terreno para denunciar fraude, em caso de derrota. Também pode mobilizar a base para questionar os resultados, se apertados, ou para invadir o Congresso. Ele pode não conseguir anular as eleições e buscar a consolidação da extrema-direita, fazendo oposição a um eventual governo Lula. Bolsonaro pode até estimular uma guerra civil.”*

**James Green,** historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island)

## GUERRA NO LESTE EUROPEU

# Ucrânia julga primeiro militar russo

Com a cabeça raspada e vestindo um moletom com capuz cáqui e azul, o sargento russo Vadim Shishimarin, 21 anos, admitiu ao tribunal distrital de Solumiansky, em Kiev, a culpa pela execução de um civil ucraniano, no primeiro julgamento por crimes de guerra desde a invasão à Ucrânia, em 24 de fevereiro. Depois da leitura da acusação, o juiz perguntou se ele admitia os fatos. “Sim”, respondeu, segundo a agência de notícias France-Press. “Em sua totalidade?”, continuou o magistrado. “Sim”, reagiu. Shishimarin poderá ser condenado à pena perpétua.

De acordo com a acusação, o sargento comandava uma pequena unidade dentro de uma divisão de tanques quando seu comboio foi atacado em 28 de fevereiro, quatro dias após o início da invasão. Com outros quatro soldados, ele roubou um carro. Enquanto dirigiam perto do

vilarejo de Shupakhivka, na região de Sumy (nordeste), eles se depararam com um homem de 62 anos, que empurrava sua bicicleta falando ao telefone. “Um dos militares ordenou ao acusado que matasse o civil para que ele não os denunciase”, segundo a acusação. Vadim Shishimarin atirou com uma AK-47 da janela do veículo e “o homem morreu na hora, a algumas dezenas de metros de sua casa.”

Também ontem, mais de 700 combatentes do Batalhão de Azov que estavam entinchados na siderúrgica de Azovstal, em Mariupol (sudeste), se renderam aos separatistas pró-Rússia. A expectativa é de que Moscou realizará um julgamento coletivo, chamado por alguns russos de “novo Nuremberg” — em alusão ao tribunal instalado para julgar crimes nazistas após a Segunda Guerra Mundial.

Giorgi Gogia, diretor associado

da Europa e Ásia Central da Human Rights Watch (HRW), afirmou ao **Correio** que tanto a Rússia quanto a Ucrânia têm obrigações sob as Convenções de Genebra para investigarem crimes de guerra cometidos por suas forças ou em seu território. “Por isso, Kiev tem o dever de buscar a responsabilização nacional pelos crimes cometidos dentro de suas fronteiras. É claro que precisa garantir os direitos ao devido processo legal. As vítimas de abusos e seus familiares têm que receber reparação imediata e adequada.”

De acordo com Gogia, os quase mil combatentes do Batalhão de Azov são, agora, prisioneiros de guerra e precisam ter os direitos respeitados. “As autoridades da Rússia não deveriam submeter os presos a nenhuma forma de tortura ou maus-tratos, nem expô-los à curiosidade pública, pois isso violaria as proteções sob as Convenções de Genebra.”

## Crimes

A HRW revelou que, entre o fim de fevereiro e março passado, as forças russas que controlavam as regiões de Kiev e de Chernihiv, no nordeste da Ucrânia, praticaram execuções sumárias de civis, torturas e outras violações. “Nós documentamos horríveis abusos, que são aparentes crimes de guerra, em 17 vilarejos e em pequenas cidades. Alguns civis foram mortos por disparos a curta distância. Também testemunhamos casos de desaparecimento forçado e de tortura. Falamos com dezenas de civis arbitrariamente detidos por dias ou semanas em condições imundas e sufocantes”, acrescentou Gogia.

Ele citou um caso “particularmente horrível” em um vilarejo de nome Yehidne, um pequeno vilarejo a 15 km de Chernihiv. “Durante 28 dias, os russos detiveram mais de 350 moradores, quase a população

Genya Savilov/AFP



Vadim Shishimarin é acusado de executar civil, em 28 de fevereiro

inteira, incluindo mulheres, crianças e bebês, no porão de uma escola. Dez pessoas morreram.” Diretor executivo da HRW, Kenneth Roth contou à reportagem que a ONG registrou 22 aparentes execuções sumárias, nove execuções ilegais, seis desaparecimentos forçados e sete casos de tortura. “O escopo dessas atrocidades sugere um padrão de abusos que implicam altos funcionários russos.”

## Otan

Finlândia e Suécia abandonaram décadas de não alinhamento militar e formalizaram os pedidos de adesão à Otan. Em Bruxelas, o secretário-geral da aliança militar ocidental, Jens Stoltenberg, enalteceu o “passo histórico”. A Turquia promete vetar a adesão, alegando que os dois candidatos protegem supostos extremistas curdos.